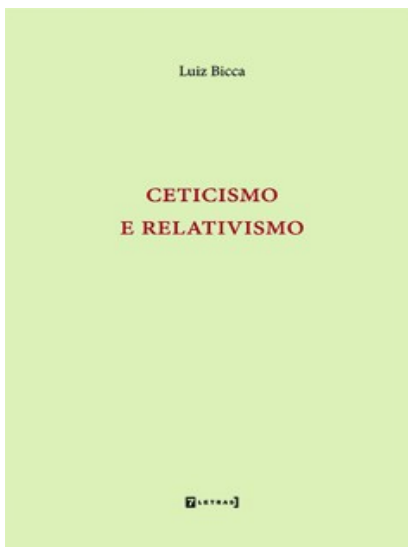


BICCA, Luiz Eduardo de Oliveira. *Ceticismo e relativismo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. 268 pp. ISBN: 978-85-7577-967-5

Recibido: 31/07/2014
Evaluado: 04/08/2014
Aceptado : 11/08/2014



Após cerca de trinta anos de pesquisas balizadas por um viés temático marxista, o Professor Bicca, renomado por sua excelente escrita, ampla erudição e fina ironia, vem presentear-nos com o recém-lançado ‘Ceticismo e relativismo’, composto por sete artigos versando sobre o binômio ceticismo/relativismo nos contextos Antigo e Moderno.

Inicial e incautamente, ‘ceticismo’ talvez pareça uma incursão deveras exótica para um filósofo com uma pesquisa ampla e sólida que orbita em torno do eixo do idealismo alemão e seus ecos e repercussão, contudo, podemos entender que o ceticismo, analisando retrospectivamente a obra do Professor Bicca no hiato de dezesseis anos decorridos entre ‘Marxismo e liberdade’ (1987) e ‘Questões persistentes’ (2003), já estava há muito presente: sob a forma de uma detecção perspicaz de crenças e de uma crítica contundente às mesmas, coletivamente transformadas em ideologias, através de dispositivos diversos, mas que se dão na história, bem como a exortação libertária ao cuidado contra a adesão a essas ideologias, asfixiantes, de fato.

Além disso, considerando que Hegel está entre os pensadores mais influentes sobre a *opus philosophicum* de Luiz Bicca (como não poderia deixar de ser), a estranheza da adesão ao tema do ceticismo se dilui ainda mais, uma vez que o autor da ‘Fenomenologia do espírito’ envolveu-se profundamente em querelas acerca da contundência e sentido do

ceticismo, contra Schulze, um importante crítico do idealismo pós-kantiano que pretensiosamente se autodenominava ‘Enesidemo’, atavicamente recordando o filósofo cético de *fl. c.* I a.C. que rompeu com a Academia platônica e reviveu, ou quiçá criou o pirronismo, mas, conforme apontado por Hegel e apesar da reivindicada e autoproclamada semelhança entre o alemão e o cretense, Gottlob Ernst Schulze, professor de graduação de Schopenhauer, parece ter errado o ponto ao pensar que o núcleo do pirronismo seria a rejeição total da possibilidade do conhecimento, ou da geração das representações, causadas pelos objetos.

Ora, considerando as nuances da pesquisa do Professor Bicca, assim como as do idealismo alemão e da tradição cética, tem-se um terreno profícuo para a germinação de ‘Ceticismo e relativismo’, crítica, cética e historicamente analisados em uma perspectiva dialética que traz questões altamente relevantes para a filosofia atual, principalmente no âmbito da ética.

Dessa forma, o capítulo primeiro, denominado ‘Ética grega e ceticismo em relação a costumes e valores’, discute o escopo do ceticismo moral, demonstrando que, se por um lado o cético suspende o juízo acerca de teorias/filosofias morais eudaimonistas e que reivindicam como finalidade um *modus vivendi* de acordo com a natureza — embora estejam em franco desacordo entre si acerca do que é a própria natureza cuja teoria é subjacente à ética, e não poderia ser diferente, posto que, ao pretenderem viver uma vida naturalíssima e por isso boa, feliz, e tranquila, estoicos e epicuristas, por exemplo, na realidade viviam vidas baseadas tão-somente em abordagens teóricas, artificiais, a respeito da natureza — por outro lado, ao cético não restaria a inatividade, uma vez que ele teria nas aparências e afecções um guia prático satisfatório, sobretudo enriquecido pela obediência às leis e costumes.

O fascinante artigo seguinte, ‘Carnéades em Roma: ceticismo e dialética’, concentra-se no episódio do convite romano para que embaixadores-filósofos atenienses fossem à Roma (155 a.C.) e, principalmente, através da análise de ricas fontes primárias, na memorável performance dialética carnediana que, diante da elite romana e dos outros embaixadores — o peripatético Critolau e o estoico Diógenes da Babilônia —, fez um

ataque ao politeísmo greco-romano e enfatizou o caráter exclusivamente convencional da justiça, proferindo dois discursos antagônicos e mutuamente excludentes, exemplificando e enaltecendo com isso não só a *dýnamis* filosófica argumentativa em vigor na Academia desde Arcesilao, mas também a cética, através da condução dos ouvintes à retenção do assentimento (*epochē*).

O par ‘Relativismo e ceticismo’ e ‘Relativismo cultural e ceticismo moral’ nos traz uma abordagem do ceticismo acentuadamente diversa daquela que, segundo o autor, usualmente aparece no senso comum, em que ceticismo e relativismo parecem se confundir, ao contrário, para Luiz Bicca “é filosoficamente equivocado identificar ambas as posições filosóficas e [...] é imprescindível traçar uma diferença que não seja difícil de se perceber” (*op. cit.* p. 08), para tal, no primeiro artigo é feita a dissecação de ambas as posturas filosóficas no contexto Antigo — demonstrando suas diferenças e semelhanças e retornando à questão do escopo e âmbito do ceticismo, defendendo-o contra a acusação de *apraxia* (amiúde através de cotejos e incursões no pensamento oriental) —, por seu turno, no segundo artigo evidenciam-se as mesmas discrepâncias e conformidades, mas no contexto Moderno, culminando na contemporaneidade.

Detendo-se na faceta epistemológica dos argumentos céticos, o quinto capítulo, ‘Ceticismo, crença e conhecimento’, incide sobre as peculiaridades dos ceticismos Antigo — seu caráter prático — e Moderno — seu caráter teórico e dubitativo, que pode ainda ser exacerbado — pondo-os face-a-face e exibindo as consequências interpretativas de se atribuir-lhes características anacrônicas, usando como pedra de toque o senso comum e os conceitos de crença e conhecimento.

‘Ceticismo como terapia’ magistralmente revela a interligação entre as discussões céticas e médicas na Antiguidade grega — manifesta na compreensão da dimensão terapêutica do ceticismo enquanto expurgo (*kátharsis*) dos males dogmáticos — e também investiga como se articulam os principais componentes do vocabulário que qualifica a conduta cética (*p. ex.: isosthéneia; adiaphoría; epochē; ataraxía; aphasía*).

Finalmente, como se fosse um retrospecto de tudo aquilo que foi discutido nos outros seis ensaios, ‘Ceticismo moral mitigado — em solo fértil’ aborda o legado da tradição cética,

seus resultados positivos nos âmbitos epistemológico, ético e político, tanto no contexto Antigo quanto no Moderno, em que Luiz Bicca debruça-se notadamente na filosofia de Hume.

Rodrigo Pinto de Brito
Universidade Federal de Sergipe.
www.rodrigobrito@gmail.com